

vídeo-tape para recolher as informações dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Há também a análise feita por especialistas na interpretação das respostas das crianças.

No 7.º capítulo: o *Pica-pau e os sujeitos* se reproduz o programa, gravando os sujeitos em vídeo-tape e entrevistando-os. A descrição da técnica usada para colher as informações está muito adequada e se percebe também que essa pesquisa foi muito trabalhosa.

No 8.º capítulo: *os discursos dos sujeitos sobre o Pica-pau*.

Nesse capítulo existem vários relatos espontâneos sobre o Pica-pau, com descrição de cenas vistas pelas crianças. A autora através dessas descrições conseguiu montar uma escala para medir o comportamento das crianças a respeito da história.

No 9.º capítulo, sobre a *representação social dos sujeitos*.

Nesse capítulo o objetivo foi investigar as representações sociais dos informantes em relação aos personagens da história.

Analisando o trabalho como um todo, verifica-se que os objetivos da pesquisa que se referiam a:

- estudar a TV para compreender a indústria cultural como manipuladora da mente infantil;
- estudar o fenômeno “Comunicação de massa”, inserido no complexo sistema denominado “Sociedade de consumo”;
- verificar quais os programas preferidos e as razões da preferência, que atendem a uma especificidade individual ou reproduzem o grupo dentro de um processo de relações sociais determinadas pelo nível sócio-econômico.

Foram todas analisadas e conseguiram mostrar a visão de mundo da criança.

O desenho preferido não está isento de ideologia, através de estereótipos que deformam a realidade.

O desenho reforça o mito do lar indepassável, mostra o automóvel como fonte de lazer e o Pica-pau discrepa

do tipo herói tradicional e as crianças gostam dele devido a sua atitude de violência.

Verifica-se pois que numa sociedade competitiva, ou de predomínio do individualismo e da esperteza, as crianças se identificam com um herói ou vilão, que tenha essas qualidades.

O texto é claro e interessante, levando-nos a querer conhecê-lo por inteiro.

É um trabalho que merece ser analisado, pois apresenta as contradições do mundo contemporâneo e a deformação da realidade usado pelos meios de comunicação de massa na formação das crianças. Realmente nos faz pensar nesse problema.

Sara Chucid da Viá

Universidade de São Paulo

## Tevé infantil: Lazer ou alienação?

FUSARI, Maria Felisminda de Rezende e — *O Educador e o Desenho Animado que a criança vê na Televisão*. São Paulo, Loyola, 1985, 164 pp.

*O educador e o desenho animado que a criança vê na televisão* é um trabalho da área de psicologia educacional. Sua preocupação maior é a de captar a prática do telespectador-educador, que convive com crianças pequenas, na escola e no cotidiano doméstico, e do telespectador pré-escolar.

Consideramos ser tal preocupação de extrema importância, desde o momento em que o crescente desenvolvimento tecnológico, e conseqüente modernização, criou novas aspirações e necessidades, levando as famílias a substituírem a casa do bairro afastado pelos apartamentos, localizados em lugares centrais, obrigando as crianças a ficarem trancadas nas suas moradias, em companhia de uma “babá eletrônica” — a teve — que funciona 24 horas por dia, condicionando a rotina

diária da criança e de seus familiares, através do "show" que não pára, onde se sucedem cenas de violência e aventuras de heróis e super-heróis invencíveis e invulneráveis, que conseguem, através de forças sobrenaturais, vencer gigantes, monstros e impedir as mais terríveis catástrofes, que ameaçam a humanidade.

Neste contexto, a programação de tevê se configura como assunto obrigatório para todos aqueles que de alguma forma estão envolvidos com a educação e o desenvolvimento infanto-juvenil.

E a autora não é apenas professora e especialista em psicologia; ela é antes de tudo a educadora que está preocupada, não apenas com as crianças, mas com os adultos que com elas convivem. A partir desta preocupação ela estabelece dois objetivos, que nortearam o seu trabalho de investigação científica.

O primeiro objetivo era descrever os traços preferenciais de telespectadores pré-escolares, cuja faixa etária variava de 5 anos e 7 meses a 6 anos e 8 meses, de uma Escola Municipal de Educação Infantil, em relação à programação oferecida pela televisão, na Capital de São Paulo, num período de dois meses.

Através de entrevistas individuais, com 87 crianças de ambos os sexos, a autora concluiu, em 1982, que dos programas assistidos pelos seus sujeitos, o gênero desenho animado tem primazia, sendo o Pica-pau, de Walter Lantz, o preferido, em função do seu humor, de ser passarinho, de ser bonito, de ser bagunceiro, de bicar tudo e de ser sempre o vencedor.

É interessante que os dados da autora confirmam os de Beraldi (1978), em *Televisão e desenho animado* e os meus (1981) em "O Pica-pau: herói ou vilão..."

A autora verifica ainda que, além da tevê, as meninas gostam de brincar de boneca e de casinha, enquanto os meninos indicam como outras atividades lúdicas o brincar com carrinhos, com bola e os jogos de esconde-esconde.

O segundo objetivo da pesquisa era analisar, através da opinião de telespectadores adultos, as características de desenhos animados da Série Pica-pau, emitidos no período de junho a julho de 1980.

Os sujeitos desta fase foram 6 telespectadores adultos-educadores, cuja idade variava entre 32 e 56 anos, divididos em dois grupos, cujo critério era: os componentes de um dos grupos possuíam experiência profissional em comunicação visual e os outros não.

Estes telespectadores adultos foram submetidos a escalas do tipo Diferencial Semântica, de 7 pontos, com itens bipolares, sendo uma escala para cada um dos 13 desenhos a serem analisados: "O Trio Amoroso", "Campeão do Estilingue", "A Política do Cober-tor Molhado", "O Barbeiro de Sevilha" etc.

O perfil do personagem Pica-pau traçado pelos adultos através deste instrumento revelou o mesmo como: masculino, voluntarioso, ousado, inteligente, controlado, bonito, adulto e trabalhador, em mais de 50% dos desenhos. No relacionamento com os personagens secundários o Pica-pau foi caracterizado como ativo, superficial, agressivo, dominador, bem-sucedido, hostil e independente, em mais de 50% dos desenhos. Já a análise dos personagens secundários, revelou-os como: ativos, superficiais, mal-sucedidos, agressivos, egoístas, provocadores e hostis, em mais de 50% dos desenhos.

Quanto ao ambiente, em que se desenrolava a ação dos 13 desenhos, foi considerado como adulto e sem família, cujas principais temáticas eram: a conquista de parceiros amorosos, a conquista de prêmios em dinheiro, os desempenhos profissionais na indústria e no comércio, a manutenção da moradia e de aspectos da vida pessoal, quando ameaçados. Esta é mais uma obra que surge em prol da pesquisa interdisciplinar, e que alerta para a necessidade de uma reorientação da programação infantil que implica uma política cultural interessada na educação do nosso povo através de orga-

nismos com poderes de decisão constituídos por especialistas em comunicação, psicologia, artes, pedagogia e representantes de Associação de Pais e Mestres.

Elza Dias Pacheco

Universidade de São Paulo

## Jornadas mais que pertinentes

FERREIRA, Jerusa Pires e MILANESI, Luis, orgs., *Jornadas impertinentes: o obsceno*. São Paulo, Hucitec/Intercom, 1985, 22 pp.

Em agosto de 1983, Jerusa Pires Ferreira e Luís Milanesi, professores da Escola de Comunicações e Artes da USP, organizaram uma semana de estudos sobre um tema que, não apenas na Universidade, mas sobretudo nela, é tido como tabu: o obsceno. "Jornadas impertinentes" foi o nome escolhido para o Encontro, "sob a sugestão de Boccacio (pois) em Florença, durante a Peste, as pessoas reunidas em Jornadas, contavam casos, reunidos no Decameron, que davam a medida da vida em seu fervilhar".

Os relatos das "Jornadas" da USP foram agora reunidos em livro, publicado pela Hucitec/Intercom, na Coleção Linguagem, sob o título de *Jornadas impertinentes: o obsceno*. Ferreira e Milanesi, os organizadores do volume, informam que nem todos os trabalhos apresentados no Seminário puderam figurar na publicação. Todavia, a mostra é significativa e pode dar idéia ao leitor do que foi o dito Encontro.

Como não poderia deixar de acontecer em obra de tal natureza, a diversidade é a marca principal do livro. Dentre os 19 textos apresentados ao leitor, temos desde trabalhos que tentam cercar o conceito — os de Ruy Coelho, Onésimo de Oliveira

Cardoso, Teixeira Coelho Neto — até trabalhos que procuram operacionalizá-lo, aplicando-o ao estudo de manifestações várias, como os rituais africanos (Kabengele Munanga, Liana Salvia Trindade), os processos inquisitoriais que vitimaram Bento Teixeira, no século XVI (Luiz Roberto Alves), o amor cortês e suas conexões com a cultura popular no Brasil (Nicolau Sevcenko), as cantigas de escárnio e maldizer (Yara Frateschi Vieira), a telenovela (Agnaldo Aricê Caldas Farias), as revistas masculinas (Ana Luíza Guimaro), a paraliteratura (Walde-nir Caldas), as festas pastoris (José Maria Tenório), o bumba-meu-boi (Roberto Emerson Câmara Benjamim), entre outros.

A maioria dos trabalhos, todavia, parece concordar de forma explícita ou não com a definição de obsceno pinçada por Onésimo de Oliveira Cardoso à etimologia: o obsceno é aquilo que está "fora de cena", o que "não pode ser representado no palco". Por isso, fixam seus limites na colocação em cena do interdito, tentando explicações psicossociológicas do fenômeno.

Nem todos, contudo, rendem-se à dificuldade de apreender a extensão do conceito. Teixeira Coelho Neto, por exemplo, abre uma via instigante, ao associar à noção do "fora de cena" a de "um certo modo de representar", modo este que Yara Frateschi Vieira tenta captar em duas cantigas de escárnio e maldizer, realizando um dos pontos altos do livro. Sendo assim, não se trata apenas do que está "fora de cena", mas, sobretudo, do modo como a cena é preenchida.

Acredito, também, que tal raciocínio é válido para a recepção das manifestações obscenas. Por não considerarem esse dado da questão, bem como por não distinguirem entre universo da produção e universo da recepção, alguns trabalhos ficam prejudicados em suas conclusões, afirmando precipitadamente que os diversos produtos pornográficos que pululam entre nós têm uma função domesticadora. É, por exemplo, o que dizem Sevcenko, a respeito do cordel obsceno — "O